

RASTREAMENTO DA FORMULAÇÃO FREUDIANA DA CRUELDADE

*Betty Bernardo Fuks**
*Ana Augusta Brito Jaques***

RESUMO:

Na literatura psicanalítica, em geral, a abordagem da crueldade esbarra no obscurantismo que a qualifica. Em sua maioria, os autores fazem uso desta categoria a partir da segunda tópica e da leitura freudiana dos fenômenos da cultura. Entretanto, a palavra crueldade já se encontra presente na obra inaugural da psicanálise *A Interpretação dos Sonhos* (1900). As autoras empreendem uma pesquisa sobre o termo crueldade nas Obras Completas para demonstrar que na teoria freudiana esta categoria não pode ser conduzida a qualquer leitura simplificada e moralista; sob pena de se perder sua importância na clínica e a dimensão que toma na crítica psicanalítica à cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Crueldade. Pulsão de Vida. Pulsão de Morte.

* Dra. Comunicação e Cultura (UFRJ). Psicanalista. Professora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Autora de *Freud e a judeidade, a vocação do exílio* (Zahar, 2000) e *Freud e a Cultura* (2^a. Edição, Zahar, 2007), e-mail: betty.fuks@gmail.com.br, telefone (21) 9919 - 0646.

** Psicanalista, mestranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida, e-mail: ana.lucchezi@terra.com.br, telefone (21) 8256 – 7071.

Sob o impacto da Primeira Guerra Mundial, Freud, acometido por um forte sentimento de perplexidade e desilusão diante da desrazão que aflorava no coração da civilização européia, indagava-se atônito: por que todas as conquistas intelectuais e científicas da cultura moderna não foram suficientes para diminuir a violência e a destruição entre os homens? Com um tom de profunda descrença no poder de liderança das nações mais avançadas técnica e cientificamente, e profundamente decepcionado com intelectuais e cientistas que, então, demonstravam uma clara afinidade para com o infernal, Freud transpõe para o papel, sob o título “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915), suas primeiras elaborações sobre a violência e a categoria do mal na ordem dos fenômenos coletivos. Observa-se na leitura do texto que em nenhum momento Freud tenta explicar a guerra a partir da psicanálise, mas, ao revés, seu objetivo é tomar a violência e a crueldade como realidades do psiquismo, e disso retirar conseqüências teóricas. A fúria e obstinação com que então se expressava o desejo de destruição do outro forneciam a medida de que a guerra, a crueldade e a desumanização dos laços sociais não são apenas momentos efêmeros, fadados à superação no futuro. Muito ao contrário, são acontecimentos inexoráveis que incorporam um elemento radicalmente social e histórico.

Cético, Freud encaminha toda a discussão no sentido de demonstrar a impossibilidade de erradicar o Mal, mesmo porque os impulsos considerados negativos são de natureza primitiva. Por exemplo: não existe sujeito sem uma boa dose de agressividade; o que é diferente das manifestações que ocorrem no registro da agressividade não erotizada, tais como o assassinato e o extermínio. Em outras palavras, a cultura exige irremediavelmente muito trabalho para promover o convívio entre os homens, mas a confiança no progresso da inteligência e da razão está sujeita a retrocessos pela própria estrutura do sujeito e do movimento das civilizações. A guerra é a expressão privilegiada da destruição do outro que “leva nossos filhos a aprenderem

na escola que a história do mundo é uma história de assassinatos dos povos.” (FREUD, 1915, p. 331).

Na literatura psicanalítica, em geral, a abordagem da crueldade (*Grausamkeit*) esbarra no obscurantismo que a qualifica. Em sua maioria, os autores fazem uso desta categoria a partir da segunda tópica e da leitura freudiana dos fenômenos da cultura. Entretanto, a palavra crueldade já se encontra presente na obra inaugural da psicanálise, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), sobretudo na parte em que Freud desenvolve idéias sobre o mecanismo de condensação. Com vistas a demonstrar que este mecanismo psíquico cria compromissos e meios-termos entre diversas séries de representações e pensamentos, o autor analisa o sonho de uma paciente cujo tema gira em torno da crueldade praticada por crianças com animais. Eis o conteúdo do sonho que denominou de *Sonho do besouro-de-maio*. “[A paciente] se lembrou de que tinha dois besouros-de-maio numa caixa e precisava libertá-los, caso contrário, ficariam sufocados. Abriu a caixa e os besouros estavam em estado de esgotamento. Um deles voou pela janela aberta, mas o outro foi esmagado pelo caixilho da janela enquanto ela a fechava a pedido de alguém”, escreve Freud (Ibid, p. 281).

Dois restos diurnos precipitaram o sonho: na noite anterior o marido da paciente viajara e a filha que dormia na cama ao lado dela chamara a atenção para uma mariposa caída em seu copo de água. A paciente relatou que não havia salvado o inseto e que ficara extremamente penalizada com o fato. Uma estória de meninos que haviam atirado um gato na água fervente e as descrições das convulsões do animal foi o segundo resto diurno. A partir destas lembranças, a paciente recorda o quanto sua filha havia sido cruel com os animais quando pequena.

Apanhava borboletas e pedia arsênico à mãe para matá-las. Numa outra ocasião, uma mariposa com um alfinete atravessado no corpo continuara a voar pelo quarto durante muito tempo; de outra feita, algumas lagartas que a menina estava guardando para que se transformassem em crisálidas morreram de fome. Numa idade ainda mais tenra, essa mesma menina tinha o hábito de arrancar as asas de besouros e borboletas. Mas hoje, ficava horrorizada diante de todas essas *ações cruéis* – tornara-se muito bondosa. (FREUD, 1900, p. 281).

No mesmo ano em que a menina começou a colecionar borboletas, a cidade foi invadida por uma praga de besouros-de-maio, conforme indica Freud: “As crianças ficavam muito furiosas com os insetos e os esmagavam sem piedade. Naquela ocasião a paciente vira um homem que arrancava as asas do besouro de maio e, em seguida, comia-lhes os corpos. Ela própria nascera em maio e se casara em maio. Três dias após o casamento, escrevera aos pais dizendo o quanto se sentia feliz. Mas isso estava longe de ser verdade.” (Ibid., p. 281-2).

Freud prossegue a análise das associações livres da paciente. Na noite anterior ao sonho, a paciente havia lido para seus filhos algumas cartas do passado, dentre as quais constavam duas de ex-cortejadores. Mas ao mesmo tempo, censurava-se porque sua filha tinha nas mãos um livro considerado pernicioso. “O arsênico que a menina tinha pedido fez a paciente se recordar das pílulas de arsênico que restauraram o vigor juvenil do Duque de Mora em *O Nababo*, de Daudet” (Ibid., p. 282).

Um sonho é um rébus. É preciso tratá-lo como um texto sagrado, isto é, transformar a imagem em letra. A expressão “Libertá-los”, enunciada no sonho, fez com que a paciente pudesse recordar um trecho da *Flauta Mágica*, de Mozart, em que se ouve a seguinte sentença: “não temas que a amar jamais te forcerei; mas é cedo demais para que eu te liberte”. (Ibid., p. 282). Por sua vez, os “besouros-de-maio” são associados a uma passagem do poeta Kleist, em *Kätchen Von Heilbronn*, que diz “estás apaixonada por mim como um besouro” (Ibid.). E, em meio a tudo

isso, vem uma associação referenciada a Tannhauser, que diz o seguinte: “Porque foste inspirada por tal prazer maligno”, acrescenta Freud (Ibid.).

Finalmente, Freud, ao perceber que para a paciente a ausência do marido era conflitante, - “[...] ela havia deparado, entre seus pensamentos inconscientes, com uma queixa sobre o marido estar “ficando senil” (Ibid., p. 283) - enuncia o desejo recalçado.

A idéia desejanse oculta pelo presente sonho talvez seja mais simples de conjecturar se eu mencionar que, alguns dias antes de ter o sonho, ela ficara horrorizada, em meio a seus afazeres cotidianos, com uma frase no modo imperativo que lhe veio à cabeça e que visava ao marido: “vá se enforçar!”. Ocorre que, algumas horas antes, ela lera em algum lugar que, quando um homem é enforcado, ele tem uma forte ereção. (Ibid., p. 283).

O desejo de uma “ereção a qualquer preço” (Ibid., p. 283) diz Freud, era o desejo emergido do recalçamento, configurado no “vá se enforçar!” (Ibid.). Por outro lado, o pedido de arsênico feito pela filha estabeleceu uma ligação com as pílulas de arsênico do personagem Dr. Jenkins, em *O Nababo*, de Daudet e revelou o desejo sexual oculto no relato onírico. A paciente sabia que um forte afrodisíaco, chamado “cantáridas” (Ibid.), era obtido com besouros esmagados – os mesmos besouros que aparecem no sonho.

Embora não teorizada, a idéia da crueldade a serviço da sexualidade aparece, claramente, na análise deste sonho que, junto ao *Sonho da Monografia Botânica* (1900) e de *Um sonho adorável* (1900) indica a multiplicidade de ligações que surgem a partir do relato de um sonho.

Ainda no livro sobre os sonhos, na parte dedicada aos sonhos sobre a morte de pessoas queridas, encontramos outras reflexões sobre o tema da crueldade: “As obscuras informações que nos são trazidas pela mitologia e pelas lendas das eras primitivas da sociedade

humana fornecem-nos uma imagem desagradável do poder despótico do pai e da *crueldade* com que ele o usava. Cronos devorou seus filhos, tal como o javali devora as crias da javalina, enquanto Zeus castrou seu pai, fazendo-se rei em seu lugar” (FREUD, 1900, p. 253)¹.

Freud, como se verá mais adiante retomará o assunto da violência entre as gerações quando da criação do mito do assassinato do pai, disposto em *Totem e tabu* (1913), na narrativa que estabelece a primeira formulação de uma historiografia psicanalítica capaz de explicar a produção e a transmissão do laço social entre as gerações.

Passemos aos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), obra com a qual Freud introduz o conceito de pulsão. Se na *Interpretação dos sonhos* (1900) a articulação entre crueldade e sexualidade aparece de forma implícita, sem maiores teorizações, no texto de 1905 ele insere a crueldade na base da metapsicologia das pulsões sexuais.

Na neurose obsessiva, o que mais se destaca é a significação dos impulsos que criam novos alvos sexuais e parecem independentes das zonas erógenas. Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da *crueldade* como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmutou em mucosa, sendo assim a zona erógena por excelência (FREUD, 1905, p. 158).

Todo o encaminhamento de Freud é no sentido de afirmar a hipótese de que a crueldade compõe a pulsão sexual. Chama atenção do leitor, o número de vezes em que aparecem referências ao “prazer na dor, à crueldade” (Ibid., p. 148) experimentada na perversão: “Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais” (Ibid., p. 149). Mas, longe de encerrar o

¹ Em 1901, no texto *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud corrige essa citação e afirma que foi Cronos quem cometeu a castração contra seu pai, Urano, e não Zeus, como consta no texto de 1900.

quadro da perversão numa simples aberração da conjunção sexual aos critérios sociais estabelecidos e incluí-la na esfera da degenerescência patológica, o mestre de Viena dedica-se a pensar de que forma, algo que é da ordem do inato nas perversões se estende a todos os homens; embora a disposição possa variar de intensidade e ser aumentado pelas influências da vida real (Ibid., p. 156). “Que a *crueldade* e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido” (Ibid., p. 149).

Com a escrita de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud propõe uma concepção sadomasoquista da perversão sexual: o sádico é sempre e ao mesmo tempo masoquista. Tanto o lado ativo (sadismo) ou passivo (masoquismo) podem, em si mesmos, caracterizar a atividade sexual que prevalece. Segundo os mais diversos autores, o termo sadomasoquismo, passa a “caracterizar um aspecto fundamental da vida pulsional, baseado na simetria e na reciprocidade de um sofrimento passivamente vivido e um sofrimento ativamente infligido.” (ROUDINESCO, 1998, p. 681) A crueldade do sadismo se qualifica como ação de subjugação e maus tratos perpetrados pelo sujeito contra outro tomado como objeto. Do mesmo modo, caracteriza a natureza do masoquismo de sexual em sua ligação com a dor física praticada pelo outro, ocorrendo gozo no padecimento dessa dor. Entretanto, embora infligir dor ao outro seja da ordem do sadismo, paradoxalmente, o gozo do sujeito é em si mesmo masoquista, pois se identifica com o objeto que está sofrendo. No decorrer do texto verifica-se que Freud emprega os termos sadismo, masoquismo e crueldade como inerentes ao próprio movimento pulsional.

Sob este prisma Freud compartilha da idéia de alguns autores, como Abraham (1916), por exemplo, para quem a agressividade mesclada à pulsão sexual é um resto de desejos primitivos de dominação “que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogenicamente

mais antiga” (FREUD, 1905, p. 149). O diálogo com Abraham permitirá ao mestre de Viena lançar outras luzes sobre diferentes fases de desenvolvimento psicosexual (oral, sádico-anal, fálico, genital). Com relação à fase sádico-anal, Freud destaca a separação entre sujeito e objeto a partir da idéia de Abraham sobre a “boca primitiva”, donde provêm o anus (Ibid., p. 186). Nada impede que as pulsões – os impulsos que vem de dentro do sujeito e que, quando realizados provocam prazer ou gozo – atuem de forma permanente, sem levar em conta as demandas da cultura. “O mais nobre e o mais vil, por toda parte da sexualidade, aparecem na mais íntima dependência mútua” (Ibid., p. 152). *Von Himmel durch die Welt zur Hölle*², implica dizer que o gozo é capaz de levar o homem “do céu ao inferno” (Cf. FREUD, 1905, p. 152).

Um papel muito destacado entre os formadores de sintomas das psiconeuroses é desempenhado pelas pulsões parciais, que na maioria das vezes aparecem como pares de opostos e das quais já tomamos como portadores de novos alvos sexuais – a pulsão de ver e do exibicionismo, e a *pulsão de crueldade* em suas formas ativa e passiva. A contribuição desta última é indispensável à compreensão da natureza sofrida dos sintomas e domina quase invariavelmente uma parte da conduta social do doente. É também por intermédio dessa ligação da libido com a *crueldade* que se dá a transformação do amor em ódio, das moções afetuosas em moções hostis, que é característica de um grande número de casos de neurose e até, ao que parece, da paranóia em geral (FREUD, 1905, p. 156).

Mas atenção: Freud jamais abandona a idéia da crueldade como parte da “natureza” humana e do fato de que algumas de suas expressões são absolutamente normais e universais. “Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de *crueldade* da pulsão sexual. A *crueldade* é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se

² “Do céu ao inferno através do mundo”, de Goethe, em *Fausto*, Prólogo no Teatro, (apud FREUD, 1905, P.152).

ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio” (Ibid., p. 180).

Ainda sobre os atos de sevícia, facilmente observáveis nas crianças, pode-se ler:

As crianças que se distinguem por uma *crueidade* peculiar para com os animais e os companheiros despertam, em geral justificadamente, a suspeita de uma atividade sexual intensa e precoce advinda das zonas erógenas, e mesmo no amadurecimento precoce e simultâneo de todas as pulsões sexuais, a atividade sexual erógena parece ser primária. A ausência da barreira da compaixão traz consigo o risco de que esse vínculo estabelecido na infância entre as *pulsões cruéis* e as erógenas torne-se indissolúvel na vida (FREUD, 1905, p. 180-1).

É digno de nota que, neste momento, no qual Freud está lançando as fundações de sua primeira teoria pulsional, encontramos ali, lado a lado referências à pulsão sexual e à invocação da pulsão de dominação. Uma pulsão que se dirige ‘cegamente’ para o exterior – e indiferente ao sofrimento alheio -, dominando o que ele chamou de organização pré-genital da vida sexual infantil. Ou seja, a crueldade, além de ser um componente da pulsão sexual, tem um papel relevante ao domínio do outro. “O impulso cruel provem da pulsão de dominação e surge na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior” (Ibid., p. 180). Isto determina o caráter infantil da sexualidade, sempre marcado pelo componente de crueldade da pulsão sexual.

Resta saber, de que modo sexualidade e crueldade se conectam. Encontramos a resposta na seguinte nota de rodapé que transcrevemos diretamente de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Podemos supor que os impulsos de *crueidade* brotem de fontes que de fato independem da sexualidade, mas que unam-se a ela precocemente por uma anastomose [conexão cruzada] próxima de seus pontos de origem. A observação ensina, entretanto, que o desenvolvimento sexual

e o desenvolvimento das pulsões escopofílica e de *crueldade* estão sujeitos a influências recíprocas que restringem a suposta independência das duas classes de pulsões (FREUD, 1905, p. 180, nota 2).

Resumindo, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) estabelece uma estreita ligação entre crueldade e pulsão sexual mapeando, com bastante nitidez, possibilidades de manifestações cruéis por qualquer sujeito. Todavia, conforme a nota de rodapé transcrita acima, a sexualidade não é o único universo conceitual em que Freud irá circunscrever a crueldade. Podemos adiantar que se trata de uma categoria antitética: apresenta duas faces igualmente importantes. Neste sentido, convém lembrar aqui as contribuições de J. Derrida ao estudo da crueldade na obra de Freud. A crueldade apenas se expressa num contínuo: “existem somente diferenças de crueldade, diferenças de modalidade de qualidade, de intensidade, de atividade ou reatividade da mesma crueldade” (DERRIDA, 2001, p. 75). Lembrando Nietzsche, para quem a crueldade não tem termo, o filósofo franco-argelino afirma que em Freud a crueldade é sem fim “mas não sem termo oponível, isto é, sem fim, mas não sem contrário” (Ibid.), na medida em que regida pela luta interminável entre Eros e Tanatos. Portanto, não se pode submeter o pensamento freudiano sobre a crueldade a qualquer leitura simplificada e moralista; sob pena de se perder sua importância clínica e a dimensão que toma na crítica psicanalítica da cultura.

O tema da crueldade reaparecerá em 1913, quando da escrita de *Totem e tabu*, texto em que Freud constrói a cena psicanalítica que estrutura o coletivo. Ao assinar o mito do assassinato do pai, cria um caminho que o conduzirá à elaboração do segundo dualismo pulsional, onde a categoria da crueldade aparecerá, também, ligada à destrutividade entre os grupos humanos. O mito contém, em si mesmo, a imagem de um pai cruel e tirano que é deposto

do lugar de poder que ocupava, pelos próprios filhos que o matam. É através deste ato de violência coletiva, que Freud baseia sua teoria sobre a origem da cultura e do sujeito. A insistência de Freud em considerar que o direito e a lei foram originários de transformações da crueldade e da violência, condensa, de forma precisa, o duplo sentido desses termos em sua obra. Além de designar a força que sustenta os processos simbólicos e as relações entre os homens, indica, também, a presença bruta do elemento mais arcaico desta força nas operações destrutivas e outras assemelhadas que, sistematicamente, inunda de sangue e dor a civilização.

Mais tarde, na Conferência XXXII (1932), *Angústia e Vida Pulsional*, já sob a ótica da Segunda Tópica, Freud resgata o tema da crueldade em sua relação com o mito do assassinato do pai. “Suspeitamos que, durante o período primevo da família humana, a castração costumava ser usada, realmente, por um pai ciumento e *cruel*, nos meninos em crescimento, e que a circuncisão, que tão frequentemente desempenha um papel nos ritos de puberdade entre os povos primitivos, é um vestígio claramente identificável desse fato”, escreve o autor (Ibid., p. 109).

Na segunda parte de *Totem e tabu* (1913) o autor destaca a permissividade com que se incita a crueldade em algumas tribos quando se trata de atingir inimigos. Livres de inibições, os selvagens cometem atos extremamente cruéis para com seu opositor. Entretanto, observa Freud, o homem primitivo se responsabilizava pelo assassinato do inimigo, realizando o luto através de um conjunto de práticas cerimoniais e tabus que o fazia expiar a culpa pelo homicídio (Ibid.). Nas sociedades primitivas, a presença sagrada da morte entre os primitivos garante o lugar da alteridade, diminuindo a capacidade humana de destruição.

Já as sociedades modernas, ao promover a dessacralização da morte, descartam mais facilmente a vida acentuando progressivamente a capacidade de destruição humana. Com

isso voltamos ao texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915), onde Freud, desiludido, desconstrói a idéia de uma “superioridade” da civilização mais avançada sobre as mais primitivas. “Então, a guerra na qual nos recusávamos a acreditar irrompeu, e trouxe desilusão. Não é apenas mais sanguinária e mais destrutiva do que qualquer outra guerra de outras eras, devido à perfeição enormemente aumentada das armas de ataque e defesa; é, pelo menos, tão *cruel*, tão encarniçada, tão implacável quanto qualquer outra que a tenha precedido” (Ibid., p. 315).

A crueldade outorgada pelas nações em guerra atinge a todos, civis e militares rompendo-se assim os laços sociais. Freud se dá conta de um grande paradoxo: o sujeito moderno e o selvagem das cavernas podem ser igualmente bárbaros, cruéis e malignos. Toda guerra subverte valores éticos e morais, de modo que os atos praticados em defesa da pátria, ainda que o extermínio do outro, são afiançados pelo Estado. Verifica-se o afrouxamento das condutas morais, inadmissíveis em tempos de paz. Sobre a baixa moralidade dos Estados em guerra e a respeito da brutalidade dos indivíduos, escreve: “Quando a comunidade não levanta mais objeções, verifica-se também um fim à supressão das paixões más, e os homens perpetram atos de *crueldade*, fraude, traição e barbárie tão incompatíveis com seu nível de civilização que qualquer um julgaria impossíveis” (Ibid., p. 316).

Nota-se que Freud no texto em questão já está adiantando o que conceituará em seus escritos que pertencem à segunda tópica: a crueldade está, também, circunscrita à pulsão de destruição, um dos nomes da pulsão de morte.

Pouco tempo depois da escrita desse artigo de 1915, Freud, na Conferência IX (1916), intitulada *A Censura dos Sonhos*, retomando as idéias desenvolvidas na *Traumdeutung* (1900), estabelece uma relação entre o conteúdo onírico e a crueldade praticada na guerra. Depois

de reafirmar a tese de que o sonho possui um sentido e cumpre uma finalidade - a realização de um desejo – recorre ao filósofo Platão para assinalar aos ouvintes a irreduzibilidade da crueldade.

Ou não sabem que todas as transgressões e excessos com que sonhamos durante a noite são diariamente cometidos, na vida real, pelas pessoas em sua vida desperta? O que faz aqui a psicanálise senão confirmar a velha sentença de Platão, de que os bons são aqueles que se contentam em sonhar com aquilo que os outros, os maus, realmente fazem? (...) E agora, abstraiam-se dos indivíduos e considerem a grande guerra que ainda devasta a Europa. (...) Pensem na avassaladora brutalidade, na *crueldade* e nas mentiras que conseguem se alastrar pelo mundo civilizado. (...) Os senhores se arriscariam, nessas circunstâncias, a quebrar lanças em defesa da inexistência do mal na constituição mental da humanidade? (FREUD, 1916, p. 176).

Em *Introdução à A Psicanálise e as Neuroses de Guerra* (1919), Freud recupera o conceito de trauma como efração, o que vai determinar, junto com outros elementos extraídos da própria clínica, a teorização da pulsão de morte. O termo crueldade reaparece em relação à crítica ao tratamento psiquiátrico dado aos soldados que voltavam do *front*. No apêndice, intitulado “Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra” incluído, no mesmo texto, em 1920, Freud, mais uma vez, ressalta destaca o aspecto sádico do tratamento dispensado aos combatentes: “Para essa finalidade empregou-se, com êxito, o doloroso tratamento elétrico” (Ibid., p. 268). A experiência coletiva da guerra produzira um grande número de neuroses graves e a crueldade do tratamento elétrico só fazia aumentar a fuga do sujeito para a doença. O choque elétrico não se destinava à recuperação do paciente, senão, apenas, ao seu regresso ao campo de combate. Sob tais condições o militar se deparava com os impactos cruéis provocados pelo horror da guerra, onde as ameaças à vida são reais e constantes, e também à dor do choque elétrico, caso adoecesse. “A intensidade da corrente elétrica, bem como a severidade do resto do tratamento, foi aumentada a um ponto insuportável, com o objetivo de privar os neuróticos de guerra da vantagem que obtinham com sua doença”, escreve Freud (Ibid., p. 269).

A crueldade deste método de tratamento dos médicos alemães parece residir na indiferença ao sofrimento do sujeito. A estes “propósitos estranhos”, Freud contrapõe a escuta dos conflitos mentais inconscientes que perturbavam a vida emocional do sujeito.

Em 1921, no texto *Psicologia das massas e a análise do eu*, o estudo sobre a crueldade caminha em direção da problemática do “narcisismo das pequenas diferenças”, o fenômeno grupal de amor entre si e ódio ao outro. Em sua análise sobre as massas artificiais, Freud efetua uma crítica à Igreja, ao modo como ela se serve do fenômeno religioso, bastante contundente: “[...] na verdade, toda religião é, dessa mesma maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a *crueldade* e a intolerância para com os que não lhes pertencem, são naturais a todas as religiões” (Ibid., p. 125).

A noção do “narcisismo das pequenas diferenças” facilita compreender melhor os paradoxos da crueldade humana. Em termos normais, o “narcisismo das pequenas diferenças” está na base da constituição do “nós” e do “outro”, na fronteira que tem por função resguardar o narcisismo da unidade. Trata-se de um fenômeno que ocorre na tensão que existe entre povos vizinhos, entre indivíduos de estados diferentes de um mesmo país, ou até mesmo um estado. Entretanto, levando este fenômeno ao paroxismo, desemboca-se na segregação e no racismo, tal como os definem a psicanálise: a repulsa do sujeito ao que lhe é mais íntimo é tomado pelo eu/massa como objeto externo, a quem se endereça o ódio com atos cruéis: o estrangeiro.

Em 1927, no texto *O Futuro de uma Ilusão*, Freud reafirma a presença de impulsos hostis no sujeito contra os quais a civilização tem que se defender. É preciso, escreve o autor, “levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas” (Ibid., p. 17). O texto traz uma análise da religião como uma ilusão. A crueldade aparece como uma categoria destrutiva que surge como uma possibilidade para todos.

[...] a civilização – quem sabe há quantos milhares de anos atrás? – começou a separar o homem de sua condição animal primordial. Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos pulsionais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança; [...] Entre esses desejos pulsionais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar (FREUD, 1927, p.21).

Na terceira parte do texto de 1927, são tecidas considerações sobre a possibilidade de uma civilização livre de proibições com vistas a demonstrar que a satisfação irrestrita de todos os desejos humanos significaria a reencarnação da horda. Nesse contexto, assinala que “[...] só uma única pessoa se poderia tornar irrestritamente feliz através de uma tal remoção das restrições da civilização, e essa pessoa seria um tirano, um ditador... [...] E mesmo ele teria todos os motivos para desejar que os outros observassem pelo menos um mandamento cultural: ‘não matarás’” (Ibid., p. 26). A preocupação de Freud em relação à reencarnação do cadáver insepulto do pai da horda, na figura de um ditador tirânico e cruel, neste texto e em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) demonstra sua insistência, como crítico da cultura que testemunhou, de refletir profundamente sobre a política de seu tempo. Sabemos que o pano de fundo da escrita destes textos era o da ascensão do Terceiro *Reich*, que terminou desembocando na invenção de uma máquina de fabricar cadáveres: os campos de extermínio.

Embora a cultura livre o homem do estado de natureza, “muito mais difícil de suportar” (Ibid.), uma das três fontes do interminável mal-estar na civilização é, justamente, a crueldade da natureza: “Ela nos destrói, fria, *cruel* e incansavelmente [...]” (Ibid.). Freud acrescenta que “o homem a teme como teme ao pai” (Ibid., p. 29). A busca de um pai protetor tem vinculações com a crueldade da natureza e desamparo original a que o homem está sempre exposto. Assim sendo, encontramos a seguinte referência no texto freudiano: “O desamparo do

homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a *crueldade* do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs” (Ibid.).

Em 1929 Freud escreve *Mal-estar na civilização* (1930), apoiado nas seguintes teses: a do princípio do ódio originário, e a da existência de uma satisfação que escapa à primazia do princípio do prazer, desenvolvidas em *Pulsões e seus destinos* (1915) e *Além do princípio do prazer* (1920), respectivamente. Ambas imprimem o tom deste escrito que gira em torno dos destinos da pulsão de morte na cultura.

[...] os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. [...] essa *cruel* agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas (FREUD, 1930, p. 133).

Uma *cruel* agressividade variável de intensidade, pode, dependendo da ocasião, ser estabelecida em qualquer tempo no espaço social propriamente dito. A liberação pura e simples do ódio pelo Estado gera, inevitavelmente, o estado de “barbárie” (REY-FLAUD, 2002, p. 36): os impulsos cruéis, de tempos em tempos, se apresentam no homem “como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho” (FREUD, 1930, p. 133). O autor, entretanto, confessa suas próprias dificuldades em admitir a existência de uma agressividade não erótica a serviço da pulsão de morte. “Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações da pulsão destrutiva (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos

ter desprezado a ubiqüidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida”, escreve Freud (Ibid., p. 142).

Desde *Totem e tabu* (1913), a futura constelação do supereu foi esboçada sob a denominação de “moção maligna”. Em *Mal-estar na civilização* (1930), a questão do parricídio é retomada e Freud insiste que a agressão dirigida ao pai da horda, figura temível, cujo retorno produz horror e convoca o gozo, instala a potência demoníaca do supereu. Esta instância deixa o saldo da culpa subjetiva que ao fracassar, em “uma satisfação pulsional agressiva, se potencializa, o que poderia se traduzir assim: toda contenção da consumação da agressão de vingança contra o pai hostil aumenta a culpa” (GEREZ, 2003, p. 187). Com um trabalho paciente Lacan vai demonstrar, a partir dos textos freudianos, e da interpretação que deles faz, que o supereu “acaba por se identificar ao que chamo figura feroz, as figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos” (LACAN, 1954, p. 123). A crueldade encontra respaldo nessa figura impiedosa aparente no trauma, na melancolia em sua passividade desencadeada por uma situação que ultrapassa o sujeito e o confronta com sua impossibilidade de reagir face ao acontecimento (HASSOUN, J. 2002, p. 19).

Com efeito, na Conferência XXXI (1933), *A dissecção da personalidade psíquica*, Freud destacará, literalmente, o rigor e crueldade do supereu na melancolia, tendo em vista a independência que ele mantém em relação à instância egóica. “Há, porém, um quadro clínico que se impõe à nossa observação e que mostra nitidamente a severidade dessa instância e até mesmo sua *crueldade*, bem como suas cambiantes relações com o eu. Estou-me referindo à situação da melancolia, [...]. O aspecto mais evidente dessa doença [...] é o modo como o supereu trata o eu” (Ibid., p. 79).

Toda a hipótese freudiana sobre a destrutividade alcança em *O mal-estar na civilização* (1930) o estatuto de motor da terceira fonte de sofrimento humano – a facticidade das relações entre os homens: a “[...] inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também a *crueldade*” (Ibid., p. 142), diz Freud, é o maior impedimento à vida civilizada. Como bem observam alguns leitores de *O mal-estar na civilização*, a visão apocalíptica de Freud é desconcertante, principalmente quando nos deparamos com os efeitos da Segunda Guerra Mundial e do incremento dos fundamentalismos atuais.

Entretanto, é preciso ler este texto à luz de *Por que a guerra?* (1933) para extrair um panorama mais amplo e menos pessimista da teoria freudiana da cultura. Em resposta à solicitação de Einstein de que expusesse o problema da paz mundial sob o enfoque de suas mais recentes descobertas, usa, mais uma vez, a palavra crueldade para refletir sobre a lógica das pulsões destruidoras, indissociáveis da pulsão de morte. “[...] Quando os seres humanos são incitados à guerra, podem ter toda uma gama de motivos para se deixarem levar – uns nobres, outros vis, alguns fracamente declarados, outros jamais mencionados. [...] Entre eles está certamente o desejo de agressão e de destruição: as incontáveis *crueldades* que encontramos na história e em nossa vida atestam a sua existência e a sua força.” (Ibid., p. 253).

Freud não descarta o fato de que a satisfação dos impulsos destrutivos é facilitada por sua mistura com motivos de natureza erótica e idealista. Mas reconhece que estes servem “apenas de escusa para os desejos destrutivos, e, às vezes - por exemplo, no caso das *crueldades* da Inquisição – é como se os motivos idealistas tivessem somado a um primeiro plano na consciência, enquanto os destrutivos lhes emprestassem um reforço constante” (Ibid.).

Num giro maior do que lhe fora pedido, Freud introduz uma discussão sobre pacifismo endereçando ao físico a seguinte questão: "Por que nos revoltamos tanto contra a

guerra, o senhor e eu, e tantos outros, por que não a aceitamos como uma entre outras tantas necessidades penosas da vida?" (Ibid., p. 256). Com seu estilo de escrita inconfundível, responde à pergunta de modo inteiramente inusitado. Longe de considerar, como era de se esperar, que a recusa à barbárie é consequência imediata da lógica da razão, afirma que, para alguns homens, o horror à guerra, a expulsão das sementes de barbárie de dentro de si mesmo, resulta, provavelmente, de um determinismo quase orgânico.

De que forma isto teria ocorrido? Expondo sua última posição sobre a guerra, Freud considera que ao longo do processo civilizatório, determinados gozos incomensuráveis que o homem um dia experimentou foram sendo reprimidos, a ponto de determinar "fundamentos orgânicos nas modificações de cânones estéticos e éticos" (Ibid., p. 257) da humanidade. Ou seja, do ponto de vista da psicanálise, no curso da História, as repressões sobre as satisfações agressivas mais primitivas adquiriram uma característica transmissível. Isto é o que determina que o gozo obtido pelo bárbaro seja indiferente ou mesmo insuportável para alguns homens. Ainda que poucos, alguns homens tornaram-se pacifistas de modo absolutamente singular. Indignar-se contra a guerra, significa simplesmente, afirma Freud, que "para nós pacifistas, trata-se de uma intolerância constitucional, de uma idiosincrasia" (Ibid., p. 258).

Talvez o uso da expressão "intolerância constitucional" tenha sido apenas um recurso da retórica freudiana para falar sobre uma estratégia de combate que só pode emergir no campo da ética do outro. Nesse campo, foi categórico: o antídoto contra o traço compulsivo e indestrutível de assimilar, humilhar, destruir e infligir dores ao outro que a humanidade carrega, é manter a chama do desejo de construir a vida permanentemente acesa (Ibid., p. 259). Se houver um lugar específico para a psicanálise na cultura, será o de convocar a responsabilidade do sujeito pelo Outro.

No plano do coletivo, ainda que o analista seja impedido de exercer a clínica sob transferência (como ocorre no desenrolar da análise do sujeito), por razões éticas não pode deixar de escutar e denunciar a impunidade requerida pelos movimentos a favor da guerra, da segregação, do racismo etc. Esta posição que impede a psicanálise de ficar neutra na luta entre o obscurantismo da barbárie e a cultura, liga-se à sua responsabilidade cívica, de modo inexorável. Uma responsabilidade “sem álibi”, diz Derrida (2001, p. 17), pois a psicanálise não pode deixar de cumprir seu papel subversivo e questionador dos abusos dogmáticos (Ibid.). Espera-se de um analista que, em nenhuma circunstância, por ele distinguir as forças mais enigmáticas da natureza humana, justifique condutas que venham a colocar em risco o laço social entre os homens.

Se a guerra é uma realidade ininterrupta na História da Humanidade o analista deve se comprometer com toda e qualquer iniciativa pública de minorar a crueldade da destruição. Até mesmo porque, que espécie de futuro nos aguardará "se não aprendermos a distrair as nossas pulsões do ato de destruir a nossa própria espécie, se continuarmos a odiar um ao outro por pequenas disputas e matar um ao outro por um ganho mesquinho?" (JONES, 1982, p. 398). Estas sábias palavras de Freud ao grande amigo escritor Romain Rollan, elucidam claramente que para a psicanálise o combate à guerra só pode ser feito indiretamente: trata-se de fazer jogar a força antagonista de Eros, o amor e o amor à vida, contra o ódio e a crueldade.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, K. (1916). "O primeiro estágio pré-genital da libido", in *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

DERRIDA, J. *Estados-da-alma da Psicanálise – o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Ed Escuta, 2001.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. vol. IV.
- _____. (1901). *Psicopatologia da vida cotidiana*. vol. VI.
- _____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. vol. VII.
- _____. (1913/1912). *Totem e tabu*. vol. XIII.
- _____. (1915). *As pulsões e suas vicissitudes*. vol. XIV.
- _____. (1915). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. vol. XIV.
- _____. (1916/1915). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência IX (A Censura dos Sonhos)”. vol. XV.
- _____. (1919d). *Introdução a a psicanálise e as neuroses de guerra*. vol. XVII.
- _____. (1920). *Além do princípio do prazer*. vol. XVIII.
- _____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do eu*. vol. XVIII.
- _____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. vol. XXI.
- _____. (1930/1929). *O mal-estar na civilização*. vol. XXI.
- _____. (1933/1932). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXXI (A Dissecção da Personalidade Psíquica)”. vol. XXII.
- _____. (1933/1932). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. “Conferência XXXII (Ansiedade e Vida Pulsional)”. vol. XXII.
- _____. (1933/1932). *Por que a guerra?*. vol. XXII.

GEREZ-AMBERTÍN, M. *As vozes do supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Caxias do Sul: Cultura Editores Associados, 2003.

HASSOUN, J. *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JONES, E. (org.). *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LACAN, J. (1954). *O Seminário: Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

REY-FLAUD, H. “Em torno do mal-estar na cultura em Freud”. In: *Os Fundamentos Metapsicológicos de um Mal-estar na Cultura*. São Paulo: Escuta, 2002.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

TRACKING OF THE FREUD'S FORMULARIZATION OF THE CRUELTY

ABSTRACT:

In psychoanalytical literature, in general, the way cruelty is approached “touches” the darkness that qualifies it. Usually, authors make use of this category from the second topic and from the freudian interpretation of cultural phenomena. However, the word cruelty is already present in the inaugurate works of psychoanalysis “The interpretation of dreams” (1900). The authors researched the work ‘cruelty’ in the Complete Works to demonstrate that, in the freudian theory, this category cannot be simplified or reduced to a moralist interpretation because, if it does, it will lose its clinical importance and the dimension that takes in the psychoanalysis criticism of the culture.

KEYWORDS: Sexuality, Cruelty, Sexual Drive, Death Drive.

TRAQUE DE LA FORMULATION DE FREUD DE LA CRUAUTÉ

RÉSUMÉ:

Dans la littérature psychanalytique, en général, l'approche de la cruauté est borné par l'obscurantisme qui la qualifie. La plupart des auteurs font usage de cette catégorie à partir du deuxième topique et de la lecture freudienne des phénomènes de la culture. Néanmoins, le mot cruauté a déjà sa place dans l'oeuvre première de la psychanalyse, L'Interprétation des Rêves (1900). Les auteurs entreprennent une recherche à partir du concept de cruauté dans les Oeuvres Complètes afin de démontrer que dans la théorie freudienne cette catégorie ne peut pas être l'outil d'une lecture simplifiée et moraliste; sous peine de perdre son importance dans la clinique et sa dimension critique psychanalytique dans le domaine culturel.

MOTS-CLÉS: Sexualité. Cruauté. Pulsion de Vie. Pulsion de Décès.

Recebido em 02/06/2009

Aprovado em 20/06/2009

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos
Juiz de Fora, MG - Brasil
Tel.: (32) 2102 3117

revista@psicanalisebarroco.pro.br

www.psicanalisebarroco.pro.br/revista